

Situação agora é pior do que em 1971

As Bolsas vivem a pior crise de sua história. A situação atual é mais difícil do que em 1971, pelo menos para as corretoras que atuam no setor e hoje praticamente estão sem clientes. A queda contínua das Bolsas nos últimos 10 meses afugentou os investidores, traumatizados com a desvalorização de seu patrimônio em ações. Diante da falta de corretagem nas operações no mercado à vista, algumas corretoras — que já logo no início do Plano Cruzado foram obrigadas a desativar negócios no **open market** — partiram para a especulação nos mercados de risco como forma de amenizar seus prejuízos.

As corretoras de valores tinham como atividade principal a intermediação dos negócios com ações. Com o desaquecimento das Bolsas, seus ganhos com corretagem se reduziram a ponto de não ser suficiente, em alguns casos, nem para arcar com a folha de pagamento de seus funcionários. A atuação nos mercados de risco, embora possam propiciar ganhos elevados, são um verdadeiro jogo do ganha ou perde: não há meio-termo.

— As Bolsas hoje são o retrato da situação do país — afirma o diretor da Corretora Cambial, Francisco de Souza Dantas. — O mercado vem antecipando a crise atual desde o início do segundo semestre e agora vive na expectativa do

que o governo vai fazer para resolver os problemas econômicos do país.

Embora considere difícil traçar uma semelhança do momento atual com a crise de 1971, Souza Dantas lembra que naquela época a poupança do país, ao menos, não estava dilapidada como agora. Além disso, havia a entrada maciça de recursos externos, o que ajudava a aquecer a economia interna.

Em julho, nova bordoadada, com o **cruzadinho**, que obrigou as fundações de seguridade a destinarem 30% de suas reservas para o Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND). Ainda aqui o mercado esperava que alguma coisa acontecesse para melhorar as cotações. Mas não houve nada. Ao contrário, por volta de setembro/outubro, as taxas de juros começaram a subir sem parar e já se percebia que o Plano Cruzado **fazia água** por todos os lados, esperando-se que o governo adotasse as novas políticas, que foram concretizadas no Plano Cruzado II.

Nessa fase de ressurgimento das aplicações em renda fixa como opção atrativa de investimento graças aos juros crescentes, lembra o corretor paulista, as corretoras começaram a retornar ao mercado de papéis de banco ao **open**. Porém, o governo colocara entraves à sua operação com papéis pós-fixados, que aliás ninguém procurava.

Então, muitas instituições passaram a carregar fortes posições em papéis prefixados, acreditando, em dezembro, que era um bom negócio comprar CDB à taxa de 300% ao ano. Resultado: as corretoras que seguiram essa trilha ficaram com a expectativa de um rendimento de 300% ao ano, porém, tendo que financiar a posição diariamente a taxas cada vez mais elevadas.

O custo de financiar a posição superou em muito o rendimento obtido. Como a renovação da carteira é lenta (a instituição tem de aguardar a data de resgate de um papel para comprar, se não entram recursos novos), o prejuízo tem de ser assumido pelas corretoras — as quais já amargavam uma queda brutal no volume de negócio com operações em Bolsa e mais a margem deprimida pelas taxas de corretagem defasadas. E, além disso, tiveram de arcar com a inadimplência de clientes — um ônus cujo ressarcimento, além de incerto, é demorado. Leva um ano, um ano e meio.

“A situação do setor é realmente crítica e não porque as corretoras tenham especulado, mas sim porque foram se adequando às conjunturas novas que o governo criava. Mas só levaram bolacha do governo”, queixa-se o corretor.